

A COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES PRESENTE NO CONTO “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”

Caterine Azevedo de Castro Espinheira

(Graduanda em Letras – UFRJ)

RESUMO O presente artigo tem o intuito de não só evidenciar aspectos teóricos do gênero conto e da escrita de Clarice Lispector, como também trazer o quanto “Os laços de família” afeta o público de alguma forma. Seja por despertar identificação, acolhimento ou algo do tipo, o conto em si, mostra a realidade e a dificuldade que é se relacionar com as pessoas, por mais próximas que sejam. Além disso, outra questão destacada é a dos pontos de vista, já que no conto, cada personagem pensa e encara os fatos de uma forma distinta, enquanto a narradora tece comentários. Tal fato gera uma reflexão no leitor sobre o que considerar “real”, visto que cada personagem tem um recorte individual, muito bem construído por Clarice, pautado em suas vivências anteriores.

PALAVRAS-CHAVE Gênero conto; relações; família

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, escreveu romance, contos e literatura infantil. Com uma escrita filosófica e existencial, Clarice possui obras profundas, e muitas, expressam paixões e o estado da alma. A autora também faz uso de monólogos interiores, análises psicológicas e epifanias em suas narrativas, retratando contextos sociais reais sem camuflagens.

A autora tem uma predominância de personagens femininas, como é o caso do livro *Laços de Família*, em que a maioria das personagens são mulheres. Além disso, na obra o território familiar prevalece, fazendo jus ao título. A família é apresentada com todas as implicações que isso vale; com o constrangimento familiar e com a socialização dentro de seu seio, como apontado pela professora Clarisse Fulkeman, no Podcast organizado pela editora Rocco, em homenagem aos 100 anos de Lispector. Ademais a obra é composta por contos, gênero apreciado por poucos, como comprova-se no trecho:

Machado de Assis, por exemplo, manifesta-se em 1813: “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade”. E continua: “e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (GOTLIB, 1990, P.8)

Por se tratar de um texto curto, o escritor tem que ter uma capacidade de condensação para transmitir muito em pouco espaço, e é o que a Clarice faz em *Laços de Família*, uma vez que ela consegue trazer indagações muito profundas sobre a vida, sobre a sociedade e sobre os afetos, como Fulkeman mencionou no Podcast. Pode-se constatar, portanto, uma expansão de sentidos que permeia pelas narrativas.

No conto “Os Laços de Família”, Clarice Lispector retrata a realidade de uma família que vislumbra tensões em momentos banais e comuns, o que mostra a maneira como, ainda que indiretamente, as intensidades das relações afetam os seres humanos. Destaca-se também, o título do conto, já que a palavra “laços” dá uma ampla ideia de significados, visto que em uma família pode haver laços fortes, esquecidos, recuperados, naturais, rompidos, fracos, sendo possível percebê-los ou não, ao longo da leitura do conto.

É muito importante notar que em tal livro, Clarice tem o objetivo de mostrar a mulher vivendo em família, e com isso, no conto *Os Laços de Família*, o foco é em Catarina, que é mãe, esposa e filha. Assim como uma família comum, a de Catarina possui tensões e, diante disso, observa-se a pressão que é decaída sobre ela a partir dos fatos que decorrem na narrativa, sejam nas perguntas constantes de sua mãe sobre o possível esquecimento de algo, a responsabilidade com o seu filho ou a ausência e dominância de seu marido.

A RELAÇÃO DE CATARINA COM OS FAMILIARES

No conto, persiste a situação de mal-estar experimentado em situações de relação social em família (BATELLA, 1994, P.97), pois de maneira muito bem elaborada, a autora narra um cenário familiar corriqueiro de uma forma muito original, apresentando as frustrações e impossibilidades de realização. Logo de início, nota-se que a relação entre a mãe e a Catarina se dá pela falta. É uma relação sem intimidade, em que as conversas são permeadas pela função fática, como pode-se observar no seguinte exemplo:

Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação?
– Não esqueci de nada, perguntou a mãe com voz resignada.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Catarina não queria mais fitá-la nem responder-lhe. (LISPECTOR, 1998, P.64)

Ao longo do conto, percebe-se dramas íntimos que são desatados em momentos inesperados e que provocam um profundo abalo na personagem, como quando Catarina e sua mãe se esbarram na freada do carro, desencadeando ali uma série de sentimentos na moça mais jovem.

Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado. Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. (LISPECTOR, 1998, p. 65)

Outro momento de reflexão interna foi quando a mãe embarcou no trem e Catarina ficou à espera de sua partida. Tal aguardo pareceu salientar a lacuna que havia na relação entre ambas. O vazio que não conseguira ser preenchido por nenhuma das duas era latente e disfarçado pela conferência das malas para checar se nada havia ficado esquecido. Quando o trem então partiu, mãe e filha pareceram desejar uma segunda chance, mas já era tarde.

Quando puderam ver-se de novo, Catarina estava sob a iminência de lhe perguntar se não esquecera de nada...
– [...] não esqueci de nada? perguntou a mãe.
Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. (LISPECTOR, 1998, p. 65)

É importante destacar que, diferente de sua mãe, Catarina tinha zelo pelo seu filho, além de uma relação de “espera” em que ela respeitava o menino. Ele aparentava ser diferente das outras crianças, pois falava pouco, estava sempre distraído, nervoso e distante. No entanto, ao chegar em casa, após deixar sua mãe no trem, a jovem moça é surpreendida pelo filho, que disse “mamãe” pela primeira vez, o que a deixou extremamente alegre.

Estava sempre distraído. Ninguém conseguira ainda chamar-lhe verdadeiramente a atenção. A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia “mamãe” nesse tom e sem pedir nada. Fora mais que uma constatação: mamãe! A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar. (LISPECTOR, 1998, p. 65)

Com isso, Catarina ficou tão feliz que pegou o filho pela mão e foi fazer um passeio com ele para comemorar, ainda que com alguns questionamentos internos sobre como as pessoas poderiam reagir à situação, principalmente sua mãe, que era sempre tão áspera. Porém, ainda assim, ela seguiu em frente, sem dar detalhes ao marido, e saiu com o menino. A partir disso, um momento que era para ser de celebração, acaba desencadeando uma série de dúvidas e inseguranças por parte do esposo.

É importante ressaltar que Catarina e o marido possuíam uma relação desgastada, em que não se percebia amor, mas sim, uma certa dominância dele sobre ela. Em toda a narrativa, o homem parece frio e indiferente aos fatos. Todavia, quando a mulher sai com a criança sem dizer para onde iria, além de se tomar por um sentimento de vazio, ele começa a se indagar sobre como ele ficaria caso os dois não voltassem. Aparentando ser um tanto quanto egoísta, demonstra também estar frustrado com a situação, visto que é “seu sábado”.

“Mas e eu? e eu?” perguntou assustado. Os dois tinham ido embora sozinhos. E ele ficara. “Com o seu sábado.” E sua gripe. No apartamento arrumado, onde “tudo corria bem”. Quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? Fora isso o que ele lhe dera. (LISPECTOR, 1998, p. 67)

Quando Catarina voltou, no entanto, o homem não demonstrou suas angústias, nem inquietações. Com o objetivo de tentar obter o controle da situação, anunciou que após o jantar iriam ao cinema.

De maneira abrupta, o conto se encerra com a mensagem de que mesmo Catarina sendo a personagem principal na narrativa, em sua família ela de fato sempre será uma mera coadjuvante, subestimada e muitas vezes tendo que viver para agradar à sua mãe e ao seu marido.

CATARINA COMO MULHER

Apresentada como uma pessoa comum, com cabelos curtos pintados e um leve estrabismo, durante o conto são poucas as vezes em que Catarina se vê como mulher de fato, e não apenas como uma função social. Em muitos momentos ela está servindo aos familiares, em uma posição subalternizada,

quase que gerando incômodo com quem convive. São nos escapes entre uma situação e outra que ela consegue olhar para si mesma, ainda que brevemente. O primeiro momento foi logo que sua mãe pegou o trem para ir embora, como é visto no trecho:

Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil. Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade – tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja – a força fluía e refluía no seu coração com pesada riqueza. (LISPECTOR, 1998, p. 66)

Sozinha ela poderia ser quem quisesse, sem se preocupar com aparências ou em como deveria agir perante determinada pessoa. A saída com o filho se configurou como mais um momento em que Catarina pôde ser ela mesma, como uma forma de celebração e também como um escape da figura paterna mal-humorada, após o menino ter falado “mamãe” pela primeira vez.

Com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não só com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão. (LISPECTOR, 1998, p.68)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise apresentada, pode-se concluir o talento de Clarice em representar recortes sociais simples de maneira tão profunda, tocando em pontos de extrema relevância, mas muitas vezes escondidos.

Clarice retrata bem a visão dessa realidade multifacetada em sua repercussão sobre os sujeitos. Essa “multifacetação” encontra no plano da linguagem seu meio privilegiado de manifestação, já que é a linguagem que introduz o sujeito no mundo simbólico. (KANAN, 200, p. 61)

Além disso, de acordo com Benedito Nunes, a epifania, muito usada por Clarice, consiste em um simples relato de experiência que pode transformar radicalmente o ser e corresponde a um instante revelador apresentando uma nova perspectiva, a partir da quebra da lógica. Pode-se dizer que o momento em que seu filho fala condiz com uma epifania

Portanto, constata-se que Clarice enriquece a dimensão do gênero conto, explicitando relações conturbadas e personagens complexas em um curto espaço. Ademais, ela possui uma escrita muito instigante, que chama a atenção e aproxima o leitor da obra.

REFERÊNCIAS

GOTLIB, Nadia. Os difíceis laços de família. *Cad. Pesq.*, São Paulo, 91, p. 93-99.1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/881/887>. Acesso em 17 de janeiro de 2022 às 22:32.

_____. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1990.

KANNAN, Dany Al-Behy. *À escuta de Lispector: entre o biográfico e o literário, uma ficção possível*. São Paulo: EDUC, 2003.

Clarice Lispector; *E* *biografia*. Disponível em < https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/ >. Acesso: 17 jan. 2022.

Laços de Família – obra prima que nasceu aos poucos. Entrevistada: Clarisse Fulkeman. Entrevistador: Soares Júnior. Rocco, junho, 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4bgcW3rcbld8x8mnlq8PbN>

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Susana Cap: Editora Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

Clarice Lispector; *E* *biografia*. Disponível em < https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/ >. Acesso em 17 de janeiro de 2022 às 20:10.

Laços de Família – obra prima que nasceu aos poucos. Entrevistada: Clarisse Fulkeman. Entrevistador: Soares Júnior. Rocco, junho, 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4bgcW3rcbld8x8mnlq8PbN>

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Susana Cap: Editora Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Denise; RIBEIRO, Maria. Personagens de clarice lispector e práticas sociais: a condição do ser em seu cotidiano, em contos da obra laços de família. *Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v.1, n. 3, p. 239-259, set/dez, 2007.